



Narradores de São Rafael: reflexões sobre o fazer documental¹

Andre Araujo RODRIGUES²

Maria da Conceição Guilherme DANTAS³

Camila Priscilla LOPES⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

A cidade potiguar de São Rafael, localizada na microrregião do Vale do Açu, no início da década de 1980, foi totalmente coberta pelas águas da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. O artigo conta com reflexões sobre o processo de produção experimental em vídeo, realizado com moradores da antiga cidade que foram transferidos para a Nova São Rafael. Para tanto, utiliza-se como referências os textos de Benjamin (1994), Halbwachs (2006), Nichols (2009), Thompson (1992) e Xavier (2003), com o objetivo de promover discussões em torno dos seguintes conceitos: documentário, história oral e narrativa, que deram suporte para a produção do vídeo-documentário “São Rafael: águas passadas que movem moinhos”.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; documentário; narrativa; São Rafael; barragem.

INTRODUÇÃO

A história da cidade potiguar de São Rafael - localizada na microrregião do Vale do Açu - assim como a vida dos sãorafaelenses, começou a mudar desde os primeiros comentários sobre a implantação da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, por volta de 1930. Para os moradores da antiga cidade as primeiras notícias de que seria construída uma barragem na região não passavam de boatos. O Projeto Baixo-Açu era desconhecido e desacreditado pela maioria das pessoas, porém, já se articulava nos centros políticos. Dentro desse contexto “a política das águas”, promovida ao longo dos governos militares, com a construção de obras faraônicas, transformou o que era apenas especulação em pesadelo para grande parte dos ribeirinhos que tiveram de passar por um processo doloroso de mudança em suas vidas.

São Rafael, portanto, tem uma história que pede para ser contada, não apenas aos netos e aos bisnetos daqueles que viram sua cidade, suas casas, suas vidas irem por

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Recém-Graduado do Curso de Comunicação Social da UERN – Campus Central – Mossoró, email: andrearaujords@gmail.com

³ Recém-Graduada do Curso de Comunicação Social da UERN – Campus Central – Mossoró, email: ceicaguilherme@gmail.com

⁴ Recém-Graduada do Curso de Comunicação Social da UERN – Campus Central – Mossoró, email: camilaha.lobes@gmail.com



água abaixo em nome do progresso. Uma história que deve ser contada por aqueles que viveram a experiência. Por meio de um vídeo-documentário, buscamos mostrar como os sãorafaelenses trinta anos depois da implantação da barragem convivem com as lembranças da antiga cidade, como eles rememoram e reconstróem de forma subjetiva a experiência, o que permitirá uma contextualização dos fatos, não através de uma premissa histórica, entretanto, construída a partir das histórias de vida de cada personagem.

Tais narrativas contemplam o evento histórico de maneira que suscita discussões em torno do processo de mudança e de adaptação à nova vida e à nova cidade a qual foram submetidas as famílias atingidas pelo projeto. Contudo, trata-se de um registro audiovisual com 26 minutos de duração que pode fazer com que a história circule, além do campo acadêmico e da cidade representada, no sentido de estender aos mais novos e apresentar uma nova possibilidade de interpretação e representação mais humana de fatos que realmente marcaram a vida de um povo.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que o documentário é uma representação do mundo histórico, como afirma Nichols (2009), não uma reprodução da realidade, pois esta não se apreende com máquinas, tampouco é apenas aquilo que aparece na frente da câmera, principalmente, porque atrás dela, posicionam-se olhos humanos que também apresentam uma visão particular sobre os fatos. Além disso, quando o que aparece na frente da câmera são pessoas, o que na verdade vemos, são narradores que se constroem e são construídos como personagens de suas próprias histórias. Desse modo, buscamos através do documentário “São Rafael: águas passadas que movem moinhos”, enfatizar as dimensões subjetivas e afetivas que envolvem a implantação da barragem, valorizando a experiência compartilhada dos personagens e as narrativas geradas a partir dessa experiência.

FAZER HISTÓRIA

A história se encarrega de fazer presente o passado de grandes homens, que viveram grandes acontecimentos. Figuras heroicas viram estátuas e ilustram o conhecimento histórico. Pessoas comuns, todavia, sobrevivem aos acontecimentos, cheias de histórias para contar, porque o passado é o lastro do presente.

Por isso que, trinta anos depois que o saudoso sertão dos são-rafaelenses virou mar, as águas passadas continuam movendo moinhos e lembranças. A imagem da antiga São Rafael ainda reside na memória de seus desabrigados. O passado se atualiza nas



vozes de sujeitos narradores, muitas vezes submetidas ao silêncio por uma história oficial que recusa os ruídos subjetivos para promover uma só voz, aparentemente verdadeira.

A ideia de registrar os prejuízos simbólicos e subjetivos sofridos pela população da cidade, em forma de documentário, nos possibilitou ver o projeto Baixo-Açu além das paredes concretas da barragem, enxergando nos números, pessoas que represam na memória suas histórias de vida.

A escolha da cidade de São Rafael como objeto de estudo de nossa pesquisa se deve ao fato dela ter sido a cidade mais diretamente afetada pela construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Totalmente desapropriada, a cidade foi extinta do mapa pelas águas e pelas promessas de um “progresso que altera a natureza” como diz a poetisa popular Altanir de Sousa. Pois, além dos impactos sociais, econômicos e ambientais, dentro de cada sãorafaelense, as perdas simbólicas e afetivas ganham espaço e morada eterna, que não se converte somente em lembranças, mas que se faz presente nas conversas de fim de tarde, nas fotos e nos quadros da torre da igreja submersa, pendurados na parede, nos poemas e nos livros escritos por eles mesmos para preservar a saudade e burlar o esquecimento. São Rafael antigo sobrevive também no mundo virtual, em um Orkut criado pelo jovem Richardson Rodrigo Cortez que compilou mais de três mil fotos que foram inseridas em álbuns temáticos, que representam desde o dia a dia na velha cidade até os dias de hoje.

Dentro desse contexto, percebemos a importância de dar visibilidade através da linguagem audiovisual às histórias vividas e reconstruídas subjetivamente por pessoas comuns, que mesmo distante de qualquer prática heróica, enfrentaram de fato uma série de obstáculos e conflitos, principalmente no que se refere à forma de pensar, de sentir e de viver. Além do mais, o documentário transforma sujeitos sociais em personagens que desejam contar o que viram e viveram, narrar suas experiências. Ao promover a imbricação dos tempos, eles reforçam a identidade cultural e contribuem para a formação de uma memória coletiva.

Souza (2010, p. 81), afirma que, as narrativas tecidas pelos sãorafaelenses entrevistados durante o processo de pesquisa da sua tese, estabelecem uma divisão do tempo. Por eles,

o tempo anterior à barragem é lembrado com saudosismo e nostalgia. É um tempo melhor do que o de hoje, quando havia farturas. É um tempo capaz de tremular a voz e verter lágrimas num homem sertanejo cuja construção imagética o caracteriza pela virilidade. O tempo



introduzido pela construção da barragem é marcado pelo medo, pelas incertezas quanto ao futuro, pela pobreza, pela escassez, pelo sofrimento. Um tempo cruel, trágico, inclemente com os pobres e os ricos, pois se dos primeiros roubavam as terras e as condições de sobrevivência; aos demais trazia prejuízos. É também um tempo que não respeitava nem os santos, que, agora eram expulsos dos altares da igreja.

Desde menino, Antônio Diduca, um dos personagens do documentário, escutava a história de que seria construída uma barragem na região do vale do Açu. Assim como ele, quase ninguém acreditava. Somente quando as máquinas e os engenheiros chegaram à cidade para executar o projeto que supostamente cultivaria naquelas terras secas o desenvolvimento e o progresso, foi que os ribeirinhos perceberam que a profecia⁵ (ou praga) proclamada por um líder religioso iria realmente se cumprir: “São Rafael viraria cama de baleia”.

A seca, que sempre fez do nordeste brasileiro sinônimo de miséria, foi ameaçada oficialmente pelo progresso através do Decreto nº 76.046, de 13 de julho de 1975, no governo do presidente Ernesto Geisel, que previa para os anos seguintes a construção de uma barragem com capacidade de 2,4 bilhões de metros cúbicos de água, o maior reservatório já construído pelo DNOCS, que atingiria diretamente as áreas de vários municípios do semiárido potiguar como: Açu, Jucurutu, Santana dos Matos, Ipangaçu e São Rafael, compreendendo uma área com cerca de 443 km².

O projeto Baixo-Açu era gigantesco, ousado e ambicioso, só não era maior que as noites insones e os dias incertos que estavam por vir. As notícias veiculadas pelos jornais sobre o projeto não chegavam aos ribeirinhos de forma clara, mexendo com a vida e o sossego das famílias que até então não sabiam para onde seriam levadas e como viveriam em outro lugar, se a única coisa que eles sabiam fazer era trabalhar na agricultura. Quem tinha suas casas, suas terras, seu comércio, sofria a angústia de ter que deixar tudo e partir para o desconhecido, nem mesmo se sabia onde seria construída a nova São Rafael. Dentro desse contexto, paralelo aos avanços na concretização da obra crescia as dúvidas e a revolta da população. A cidade que contava na época com pouco mais de sete mil habitantes, a maioria destes residentes na zona rural, sem oportunidade de escolher quais rumos as suas vidas tomariam, foram obrigados a absorver o projeto, que aparentemente não causaria nenhum prejuízo à população.

⁵ De acordo com Souza (2010), a história contada pelos mais velhos é que certa vez um líder religioso ao passar por São Rafael (outras pessoas contam se referindo a todo Vale do Açu) profetizou que o povoado viraria cama de baleia, no entanto, esta profecia é atribuída, por alguns, a Frei Damião e, por outros, a Padre Ibiapina.



A necessidade de atenuar as tensões fez surgir vozes, com certa penetração na região, para que, com elogios desenvolvimentistas, procurassem acalmar as inquietações expressas por parte da população. Foi o caso do ex-padre e ex-pároco, da vizinha cidade de pendências, José Luiz Silva, que com crônicas frequentes no jornal, O Poti, ressaltava por esta época, as vantagens de um projeto de irrigação. (FERNANDES, 1992, p. 63).

Alguns políticos, sindicalistas e membros da igreja católica se mostraram contrários a construção da barragem, apesar das promessas de melhoria das condições de vida da população ribeirinha, com a chegada do progresso, alardeado pelas propagandas governamentais e pela imprensa local. Zélia Bernardo, professora aposentada, lembra que durante as reuniões promovidas pelo DNOCS que tinham por objetivo convencer a população, representantes políticos diziam que o Vale ficaria como se as águas da barragem fossem leite e as barreiras fossem pão.

O trabalho de convencimento das famílias também era função das assistentes sociais que saíam de casa em casa, com o objetivo de orientar e convencer os moradores à mudança. Quem morava na cidade velha receberia uma na nova cidade. Aos agricultores da zona rural eram destinadas casas de tábuas improvisadas pelo DNOCS, que de acordo com as promessas seriam dentro de alguns meses substituídas por casas de alvenaria. Outra opção seria receber terras em uma área de reforma agrária na Serra do Mel, que fica aproximadamente a 100 km de distância. Mas muitas das famílias transferidas antes da conclusão das obras já estavam de volta, devido à falta de água nas agrovilas. Muitos moradores resistiram, alguns já transferidos retornavam para a velha morada, outros só saíram com a chegada das águas. Antônio Diduca ainda hoje lembra com tristeza o processo de mudança:

o dia da partida foi um dia de angústia, muito penalizado porque quando você perde o seu lar, todo mundo está sabendo que não é coisa muito boa, é uma situação muito difícil, de muito sacrifício, todo mundo lastimava a situação da vida. O jeito era sair porque dentro d'água ninguém vivia, a gente sabia que as casas iam ficar dentro d'água e assim mesmo teve gente que resistiu até o fim, só saiu quando a casa caiu. [...] Quando a gente chegou aos barracos de tábua só tinha as sombras, não tinha renda de nada, não tinha roça, não tinha vazante, quem vive de um trabalho e produz com ele, quando perde, perdeu as armas, não tem como viver.

As lembranças não se calaram com o tempo. Seu Noé tem 96 anos e diz não se esquecer nunca do que aconteceu, “faz de conta que a gente dormiu e acordou em outra vida”. A história já foi contada em livros pelos próprios sãorafaelenses, registrada em



pesquisas acadêmicas, como teses e dissertações, expressadas em manifestações artístico-culturais, e, agora é contada através do vídeo, propondo naturalmente uma série de reflexões sobre as transformações vividas pelos moradores de São Rafael. Até que ponto os sentimentos dos que foram atingidos importaram diante do poder público? O uso do documentário como suporte pedagógico oferecerá possibilidades de discussões acerca do conhecimento histórico com profundidade e envolvimento, inclusive sob outras perspectivas, no que tange principalmente os direitos humanos.

NARRAR HISTÓRIAS

As histórias que o povo conta, mesmo depois de 30 anos da construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, à margem de uma história oficial que emendou os acontecimentos por meio de datas e palavras-chave, e que solapou os rasgos, as rasuras e os riscados da experiência vivida. São, portanto, histórias que o povo ainda conta, entre a lembrança e o esquecimento, entre a palavra e o silêncio, seja “de forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias” (BENJAMIM, 2006, 114), seja de forma despretensiosa e automática, pois contar histórias é algo inerente à natureza humana. No entanto, diz Benjamin (1993) que, a arte de narrar está em vias de extinção, assim como, as ações da experiência estão em baixa. Para ele, o surgimento do romance no início do período moderno anunciava a morte da narrativa oral, substituída gradualmente pelo desenvolvimento da técnica que desmoralizaria inevitavelmente a experiência.

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber. (DELGADO, 2003, p. 22)

A figura histórica e emblemática do narrador é compreendida por Walter Benjamim (1993), a partir da interpenetração de dois grupos primitivos de contadores de histórias, visualizados por ele, como tipos arcaicos da arte de narrar: o camponês sedentário que conhece os mitos, as lendas e as tradições de seu povo e de sua terra e o marinheiro comerciante que sai pelo mundo afora e entra em contato com outros povos, outras histórias e tradições.



Presos à sua terra, os personagens do documentário, portanto, aproximam-se dos camponeses sedentários, quando eles contam suas próprias histórias, repetem e revelam nos seus relatos, a grandeza e a riqueza do seu torrão, a fartura do rio piranhas, os tempos vividos que se refletem em cada imagem composta pela narrativa, história viva, edificada pelo ato de lembrar e contar.

Nas culturas pré-industriais, entretanto, a voz narrativa se materializava no protótipo do idoso, o guardião da tradição e da memória, a quem se devia respeito e ouvidos por ter acumulado durante toda a vida uma sabedoria procedente de suas experiências. O idoso era aquele que sabia de si e da vida, recuperava o passado, dava sentido ao presente e prescrevia o futuro através de suas histórias e ensinamentos.

Ecléa Bosi (1994) recorre aos velhos e às suas lembranças para reconstruir a memória social de São Paulo, conferindo-lhe não apenas o *status* de narrador do passado, mas de sujeito ativo da história presente, contrapondo-se aos valores simbólicos, centrados na insuficiência e impotência de produzir e reproduzir imputados, à velhice pelas sociedades industriais.

O narrador é, portanto, aquele que retira da experiência aquilo que conta, da sua própria experiência ou a relatada pelos outros, apto a incorporar as coisas narradas a experiência de seus ouvintes. O narrador seria aquele que se utiliza da narrativa para partilhar conselhos e sabedorias, capaz de manter vivo o passado no presente ao intercambiar e atualizar experiências (BENJAMIN, 1993). Em São Rafael, ouvir as histórias da barragem faz parte da infância de gerações que não viveram na velha cidade. Hoje ela não está apenas submersa, mas sim, viva na lembrança dos mais velhos e nas narrativas que são contadas e recontadas aos mais jovens.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. (BENJAMIN, 1993, p. 205)

Na tradição oral, o narrador funcionava como suporte no qual se fixava a história. Através dele, a oralidade superava seu aspecto efêmero atribuído à linguagem falada e reproduzia, tornava comum a história, conservava a matéria narrada. Dessa maneira, contar histórias era despertar em quem ouve o sentimento de narrador, fazê-lo



recontar e atualizar a experiência que lhe foi relatada, estabelecendo, porém, relações subjetivas entre o tempo vivido e o passado.

Ecléa Bosi (1994, p. 39) afirma que, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Do passado temos somente as ruínas, isto é, os fragmentos de um tempo. É preciso reconstruir as paredes, mas estas, não se reconstroem apenas com memória, em razão de que “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com ideias e imagens de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Trata-se, portanto, do “era-uma-vez-uma-vida-que-eu-vivi”, reinventada, fabulada, reconstruída, entretanto, intimamente verdadeira.

Ainda é possível, portanto, encontrar entre nós resquícios de experiência e vultos de um narrador. A história oral, por exemplo, reconhece seu objeto de pesquisa como sujeitos históricos, isto é, o indivíduo se constitui como fonte de informação e, diretamente, contribui para a produção do conhecimento histórico, a partir do registro de suas experiências. Segundo Thompson (1992, p. 44) “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”.

Nessa perspectiva, buscamos visualizar os sãorafaelenses que viveram a construção da barragem não somente como fonte de informação para a nossa pesquisa, mas principalmente como sujeitos sociais e narradores, capazes de revelar além da história, a memória coletiva que ainda hoje garante a permanência da cidade velha no imaginário popular. Khoury compreende tais narrativas como práticas sociais. Dessa forma,

ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência e a si mesmo nela. (KHOURY, 2004, p. 131).

Por meio da história oral é possível muito mais que resgatar lembranças faladas, buscar documentos de “verdades” que comprovem determinada tese. A oralidade nos privilegia, inclusive, com suas falhas, onde é permitido o sujeito falar além das palavras e dos argumentos, sendo possível absorver, sobretudo expressões que falam por si só, que se escondem entre os silêncios e as reticências. Como pesquisadores, levamos em



consideração o fato de que a memória é algo que se constrói, é seletiva, e que as lembranças, às vezes, variam de acordo com a importância que cada sujeito atribui ao momento vivido.

Trabalhar com história oral é trabalhar com memória, conseqüentemente, deve-se compreender que não existe lembrança total dos fatos. A história oral conta com a possibilidade de esquecimento, transformação e reconstrução da memória, porém, conforme defende Thompson, esta continua sendo uma ferramenta importante para a história. “A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992).

Tais sujeitos são narradores que contam suas experiências, buscando na memória o passado, personagem presente em suas histórias, materializado através da linguagem, que de acordo com Sarlo (2007, p. 24) “liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum”.

No entanto, aqui a construção e articulação do saber se deram por meio da linguagem audiovisual, onde diferentes sentidos podem ser construídos através de um vídeo documentário, por exemplo. A linguagem se manifesta por meio de ângulos, planos, cores, luz, e permite a produção de sentido e provoca sensações no espectador. Assim como as palavras do narrador da tradição oral estabelecia uma interação atemporal entre a matéria narrada e seus interlocutores, a imagem no documentário tem o poder de materializar o mundo histórico, até mesmo funcionar como suporte de memória.

Bill Nichols (2005) conclui que, o documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. A cerca de toda a discussão conceitual que busca delimitar fronteiras entre o cinema de ficção e o cinema de não ficção, basicamente, não seria o documentário, uma representação da realidade, porém, uma representação do mundo histórico. O documentário cerca a experiência humana para registrar por meio de sons e imagens o mundo sob um ponto de vista ou perspectiva diferente.

Assim como a experiência é convertida em narrativa pelo sujeito narrador, no documentário, a realidade se transforma em uma narrativa fílmica, que nos causa impressão de autenticidade. A presença concreta, objetiva e mecânica da câmera ao filmar o real não o reproduz, tampouco retira de cena a subjetividade daquele que filma (o diretor) e daquilo ou daquele que é filmado, ainda mais porque a realidade a ser



filmada é a realidade da gravação. As convenções narrativas e dramáticas que cercam o fazer documental também interferem na concepção do filme de não ficção como realidade, pois a simples escolha de como enquadrar ou compor um plano representa (e revela) o argumento ou a perspectiva do cineasta em relação ao tema abordado. A partir da discussão do uso recente no cinema brasileiro de dispositivos documentais e dispositivos artísticos, que se refere à criação de situações a serem filmadas, Consuelo Lins conclui que:

documentários não brotam do coração do real, espontâneos, naturais, recheados de pessoas e situações autênticas; são sim, gerados pelo mais ‘puro’ artifício, na acepção literal da palavra ‘processo ou meio do qual se obtém um artefato ou objeto artístico’, segundo o dicionário Aurélio. (LINS, 2008, p. 58).

O documentário pode, portanto, reinventar o real, restituir a experiência, reconhecendo narradores naqueles que viveram a história e que para mantê-la viva, rememoram e reconstróem o passado por meio de suas narrativas.

FAZER DOCUMENTAL

Depois das primeiras discussões em torno da ideia do projeto de pesquisa, ainda na disciplina Seminários Avançados em Radialismo, passamos a avaliar qual abordagem daríamos ao documentário. Acreditando que se tratava de um assunto amplo, que nos oferecia várias frentes de pesquisa, tomamos conhecimento além dos prejuízos materiais, de questões subjetivas que envolvem a implantação da barragem. Nos primeiros artigos pesquisados sobre o projeto nos deparamos com o registro de alguns casos, embora não comprovados cientificamente, de pessoas que entraram em depressão por não aceitar a ideia de sair do lugar onde viveram durante toda a vida, inclusive, algumas chegaram a falecer antes mesmo de viver a nova realidade. A partir daí optamos por trabalhar o caráter subjetivo dos fatos.

Desse modo, o documentário “São Rafael: águas passadas que movem moinhos”, não pretende flagrar o real, todavia registrar o trabalho de memória realizado pelos personagens na reconstrução do passado que inevitavelmente se atualiza e se reinventa em forma de histórias que revelam subjetivamente a experiência humana.

Nichols (2009) sugere seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário e foram traçados como modelos ou protótipos,



conformados a partir do reconhecimento da lógica de organização e de informação, dos recursos narrativos e de outras características recorrentes e dominantes em determinados filmes de um mesmo período. São eles, o modo poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Dentre eles, o modo performático, que dialoga com a nossa proposta quando “sublinha a complexidade do conhecimento de mundo ao enfatizar suas dimensões subjetivas e afetivas” (NICHOLS, 2009, p. 169), afastando-se do relato objetivo, da ressalva que o documentário dá a representação do mundo histórico ao se pautar através de um argumento lógico e linear, propondo assim, uma fuga às narrativas convencionais. Desse modo, os sujeitos da experiência se constroem como personagens e reconstróem em forma de narrativa a experiência, endossando a ênfase expressiva da estética documental, pois, “pelo mundo representado nos documentários performáticos, espalham-se tons evocativos e nuances expressivas, que constantemente nos lembram que o mundo é mais do que a soma das evidências visíveis que deduzimos dele” (Nichols, 2005, p. 173). Para tanto, buscamos também referências no trabalho de criação de Eduardo Coutinho. Segundo Xavier (2003, p. 52),

no centro de seu método, está a fala de alguém sobre sua própria experiência, alguém escolhido porque se espera que não se prenda ao óbvio, aos clichês relativos à sua condição social. O que se quer é a expressão original, uma maneira de fazer-se personagem, narrar, quando é dada ao sujeito a oportunidade de uma ação afirmativa. Tudo o que da personagem se revela vem de sua ação diante da câmera, da conversa com o cineasta e do confronto com o olhar e a escuta do aparato cinematográfico.

A narrativa do documentário se baseia na oralidade, portanto, a entrevista em profundidade, sob a luz dos pressupostos metodológicos da história oral descritos por Thompson (1992) e aplicados por Ecléa Bosi (1994), é a estratégia de abordagem central para se construir o documentário, pois a questão não era dar voz aos sãorafaelenses, mas sim, levá-los a falar sobre si e sobre tudo aquilo que viveram, sobre aquilo que eles achavam que deveria ser lembrado e verbalizado. As histórias são contadas por quem de fato viveu o processo desde os boatos da implantação até o dia da partida, onde tiveram de se adaptar a uma nova cidade, uma nova morada e principalmente, a uma nova vida. Dessa forma, buscamos fazer com que os entrevistados se fizessem personagens, e que por meio de seus depoimentos evidenciassem como os fatos ocorridos durante a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves repercutem ainda hoje na vida de cada um.



RESULTADOS

São Rafael se divide entre dois tempos e inúmeras lembranças. Não foi fácil para os personagens fazerem fluir as histórias mais marcantes e difíceis que ainda latejam na vida presente. A lembrança se mistura com o ressentimento, cada rememoração é evocada com emoção e verdade, faz parecer que o personagem não só está contando, mas principalmente revivendo as situações.

“Parece que foi ontem”, “eu não vou me esquecer nunca”, “essa história me marcou muito” foram frases que pontuaram todo o nosso trabalho de pesquisa. Estávamos ali para ouvi-los e isso lhes motivavam a contar suas histórias. Não era apenas a vontade de contar, percebíamos em nossos personagens, a necessidade de fazer com que outros soubessem do que havia acontecido, para tanto, era necessário não se tornar somente personagem, todavia, assumir a função de narrador, conferida e validada pela experiência. As histórias, de certo modo, repetiam-se, embora, cada uma conserve suas particularidades, as lembranças partem de um pensamento comum, onde o passado é representado a partir de um ponto de vista coletivo, por isso, grande parte dos entrevistados visualiza a vida ainda hoje como consequência do que a barragem promoveu “ontem”, mesmo já adaptados à nova cidade onde vivem há três décadas. A fabulação também fez parte do processo, onde o próprio aparato tecnológico e a situação de filmagem colaboraram para que os personagens exercessem outro olhar sobre a história.

A experiência com que nos deparamos, porém, não consiste unicamente na sabedoria dos mais velhos, amparada nos conselhos, nas lições de vida e nos cabelos brancos. A cada casa visitada, os sãorafaelenses entrevistados não contavam apenas o que viveram, mas também, o que sabiam e ouviram de outras pessoas, narrativas permeadas por reflexões a cerca da matéria narrada. As queixas, as críticas em relação ao trabalho realizado pelo DNOCS também foram preservadas na memória por grande parte dos atingidos pela barragem. Ainda hoje Antônio Diduca se refere ao DNOCS como uma “empresa malvada” que colocou o povo para “viver em uma vida só de sacrifício”. Na memória, eles guardaram também as mágoas das assistentes sociais apelidadas pelos mais velhos por “mão branca”. A conversa mesmo informal surgia como uma oportunidade de desabafo. Ana Irene, por exemplo, no final da sua entrevista, emocionada, agradeceu a toda equipe por ter ouvido suas histórias.



O trabalho de memória realizado pelos personagens, a ressalva subjetiva sobre o passado, revelam uma nova dimensão dos fatos, por isso, foi possível destacar os prejuízos simbólicos, sem se prender simplesmente a questões de caráter econômico ou social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “São Rafael: águas passadas que movem moinhos” apresenta uma história que foi elaborada em conjunto, por quem pesquisa e é pesquisado, onde o envolvimento com o objeto de estudo foi essencial para se obter o resultado que alcançamos. Ao fazermos o uso metodológico do “ouvir”, estimulamos o trabalho de memória, e é justamente dessa relação que se estabelece entre o presente e o passado que nasce o personagem e também narrador que buscamos durante todo o processo de pré-produção.

Assim, o outro é representado pela narrativa fílmica, enquanto ele mesmo representa a sua história de vida. O outro é o personagem que se apresenta não como testemunha de um evento, ele substitui os números de atingidos pela barragem, a descrição datada, supostamente verdadeira e promove, sobretudo, sua experiência e sua visão particular dos fatos, consciente que dessa vez não está contando suas histórias apenas para os netos, mas sim, para um público que ao decidir ser espectador do documentário, está sujeito a submergir na experiência humana expressa pela narrativa.

Desse modo, buscamos pensar em um produto onde as pessoas se sintam interessadas em assistir do começo ao fim, que seja fonte de informação, entretenimento e que sugira possibilidades de discussão. O documentário tece entre as lembranças e o esquecimento dos personagens reflexões acerca da violação dos direitos humanos, da construção do saber histórico por meio de sujeitos que viveram a experiência e da importância de se preservar a memória para fortalecer a identidade cultural de um povo.

A produção deste documentário se soma aos trabalhos que já existem sobre São Rafael, a maioria com foco acadêmico, observando que dessa forma poderíamos oferecer um produto artístico que difundisse a história da cidade e que pudesse ser visto por um público mais amplo.

Nesse trabalho, tivemos que nos posicionar como pesquisadores, produtores e documentaristas, o que contribuiu bastante para nossa formação profissional, pois a compreensão de todo o processo de execução do projeto experimental, nos possibilitou, amparados pelos estudos acadêmicos, identificar e solucionar, apesar das nossas



limitações, as dificuldades, comuns a todo trabalho dessa natureza. A experiência de entrar em contato com o mundo do outro, exigiu de nós responsabilidade e foco, durante as entrevistas. Exercitamos nossa capacidade de ouvir e de estabelecer um olhar crítico no sentido de propor critérios de escolha que assegurassem a realização da nossa proposta, pois a situação de pesquisa em campo inevitavelmente provocava no entrevistado uma vontade de contribuir e principalmente, participar do projeto.

Lidamos todo o tempo com a subjetividade das pessoas que nos contavam histórias fortes de grande apelo emocional. No entanto, tentamos não recorrer ao sensacionalismo, mas sim, extrair narrativas que representassem as emoções e os sentimentos de quem as conta, visando sempre a experiência humana, capaz de captar o interesse pelas histórias de uma gente que teve sua vida varrida pelas águas. Além disso, na miudeza das lembranças, o caráter simbólico repercute nas pequenas coisas que viveram na antiga cidade, por exemplo, as festas comemorativas, a feirinha nos domingos, os lugares onde viveram momentos felizes, enfim, situações vividas que dão sentido ao sentimento de pertencimento e o apego ao passado.

“Pelo menos as pessoas que se criaram no vale do Açu, morre lamentando essa situação não se esquece nunca, o quanto sofreram e perderam na vida” reforça Antônio Diduca, embora, hoje, a nova cidade construída pelo DNOCS seja arborizada, saneada, tenha ruas largas, belas praças, mas que não são suficientes para serenar a saudade da velha São Rafael, pacata, agrária, onde a vida era difícil, mas era boa de viver. O verso “mas no fundo daquelas águas ainda existe o nosso amor” que encerra o poema de Altanir contradiz a ideia de tempo que cicatriza as feridas, pois apesar da barragem, da memória que às vezes falha, a antiga cidade se tornou para os sãorafaelenses exilados em uma Nova São Rafael, “a terra onde canta o sabiá”.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política:** obras escolhidas. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.



DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista História Oral**. Brasil: n. 2, jun. 2003. Seção Dossiê. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

FERNANDES, Ana Amélia. **Autoritarismo e Resistência no Baixo Açú**. Natal, CCHLA, 1992.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Dea Ribeiro et al. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004, p. 116-138.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papirus, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva. **Escafandristas do tempo**: narrativas de vida e regeneração da memória em São Rafael-RN. Natal, 2010. 236f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: História Oral. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Ismail. Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna. In: **Objetivo subjetivo – Cinemais especial**: documentário. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003, p. 221-235.